

Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Um futuro santo?

TRISTÃO DE ATHAYDE

Vai ser brevemente introduzida em Roma, se já não o foi, a causa de beatificação do Padre Leonel Franca S.J., etapa que precede, como se sabe, a canonização dos santos. Se a de Anchieta levou quatro séculos a ser formalizada e ainda não o está completamente — o que comprova o cuidado com que a Igreja apura os méritos dos que sobem aos altares — esperemos que não sejam necessárias outras quatro centúrias para que o mesmo aconteça com esse emulo moderno do Irmão José, no curso de nossa história nacional. Para que tal não aconteça, todos os que convivem com aquela grande figura humana devem dar desde logo seu testemunho, ainda quente, de sua presença entre nós. O cristianismo é a religião da presença. Antes de tudo, da presença de Deus em cada ser humano, criado originalmente à sua imagem e semelhança. Da presença de Deus em Jesus Cristo, que não é uma espera, como um Messias a vir, mas uma realidade histórica já realizada. Não só em certo momento do passado, mas renovada incessantemente no decorrer dos tempos, pela presença da Igreja, que é "o povo de Deus" na Terra. Da presença de Deus particularmente no santo, isto é, em cada ser humano que, por suas virtudes, re-presenta a única elite verdadeiramente autêntica entre as massas humanas de cada civilização. Os santos, os gênios e os heróis são as únicas elites realmente dignas de conduzir os acontecimentos sociais, impedindo que as massas sejam manipuladas pelas falsas elites, exploradoras das fragilidades individuais e das injustiças sociais. A originalidade dos santos, nessa tripeça dos homens representativos da História, é que eles se afirmam pela negação; se fortalecem pela fraqueza; se tornam presentes pela ausência de vaidade e de arrogância, pela renúncia à posse das famosas pompas deste mundo; por se darem mais do que por receberem.

O frágil e quase inconsútil Padre Franca foi um desses. Já o conheci quando, após uma infância e uma adolescência de extrema debilidade física e de um desmedido desenvolvimento moral e intelectual, tinha feito um curso universitário, filosófico e teológico, na Universidade Gregoriana de Roma e aprovado cum summa laude nos exames finais. Na véspera, como me contou, passara o dia passeando entre os pinheiros da Vila Borghese, para esquecer tudo que aprendera, em anos e anos de dedicação total ao estudo e permitir que nele falasse apenas a voz de Deus. Essa presença divina, aliás, iria manifestar-se logo em seguida, por uma alarmante ameaça do coração, em que os médicos de Bad-neu-Heim, se não me engano, lhe prognosticaram uma "vita brevis". E por isso mesmo, dada a presença de Deus no mais profundo de sua natureza, uma "ars longa", a arte da sabedoria unida à vida da humildade.

A presença de Leonel Franca, em nossa geração e num período agitado de nossa vida nacional (de 1922 a 1930, quando se processavam por aqui três revoluções, a política, a literária e a religiosa), essa presença foi sempre marcada por uma extraordinária disciplina intelectual, ligada à mais pura liberdade afetiva. Foi precisamente no ano central dessa década, o da comemoração do centenário de nossa independência em 1922, que dois livros marcaram profundamente essa reviravolta espiritual em nossa história. Esses dois livros, como se sabe, foram "Pascal e a Inquietação Moderna" de Jackson de Figueiredo e "A Igreja, a História e a Civilização" de Leonel Franca. Por ambos começava um novo capítulo em nossa história intelectual. Pois se hoje, neste fim de século, é sobretudo no plano social que se apresenta a crise de crescimento em nossa evolução religiosa, nesse início do século, foi no plano intelectual que se processou o início desse movimento de transmutação de valores. Esses dois livros, portanto, de um leigo e de um jesuíta, representavam a presença de um "Lord's appeal", de um apelo de Deus e de um apelo a Deus, como base de uma revolução espiritual que teria de ser o eixo seguro de nossa história política moderna, em uma nova etapa, após cem anos de independência e de uma geração apolítica e cética, após um século de agnosticismo filosófico, de evolucionismo naturalista e de perplexidades temperamentais. Tudo isso havia lançado a mocidade daquele momento final da "belle époque" e após o choque universal provocado pela guerra mundial de 1914 a 1918, em uma busca patética pelo sentido da vida.

O livro de Jackson representava o nosso tormento intelectual e o de Franca o nosso porto seguro. Um porto de chegada, mas também de partida. Quando os exemplos tão opostos, de Jackson e de Franca, mudaram os rumos de tantas vidas perplexas, esse porto seguro que Leonel Franca nos oferecia não era um estaleiro de reparações, isto é, um porto de chegada ou de parada, mas um cais de partida para o mar alto dos grandes problemas universais e nacionais dos nossos dias. Tanto tinha Jackson de agitado quanto Franca de sereno. Tanto tinha Jackson de promotor de problemas como Franca de proporcionador de soluções. De soluções em que juntava a máxima disciplina intelectual, que nos faltava, à máxima liberdade sapiencial a que aspirávamos. O problema intelectual, portanto, é que dominava então os horizontes de uma geração intelectualmente deseducada por um século de leituras anárquicas (em que conhecíamos o supérfluo mas ignorávamos o essencial, como mais tarde observaria o tomista Maurílio Teixeira Leite Penido) e de influências contraditórias. Nessa nossa geração, predominava, entretanto, um único pressuposto por assim dizer dogmático: o de que a Igreja era apenas o passado e a única base segura da inteligência era, quando muito, a certeza de nossa ignorância. Quando não o pedantismo de nossas certezas. Por isso mesmo, nesse início de uma renovação espiritual profunda, hoje marcada pelos grandes problemas político-sociais, era o problema intelectual que nos interessava.

E nesse céu sem estrelas ou de estrelas em desordem, Leonel Franca veio ser, para grande parte de nossa geração, a estrela-guia de um novo astrolábio. Veio trazer-nos o espírito de certeza e de afirmação, em vez do espírito de dúvida ou de negação, em que tínhamos sido formados. Esse novo espírito, porém, nada tinha de dogmático ou de arrogante, mas, ao contrário, de segurança na liberdade. Essa segurança na liberdade é que iria, ao longo de três décadas, manifestar Leonel Fran-

ca nos seus livros; em sua organização da Universidade Católica; em suas polêmicas; especialmente com os protestantes ou com o filólogo e anarquista José Otília (que foi procurá-lo, para apresentar-lhe seus filhos, ao cabo de uma dessas polêmicas ideológicas), mas sobretudo na meia-luz das confidências e das confissões. Pois Franca foi sempre um extraordinário diretor de consciências.

A liberdade de pensamento se expandia então amplamente, na meia-luz dos entretrens intelectuais, enquanto o espírito de segurança iluminava e espalhava nossas perplexidades íntimas. Era então que sua santidade, congênita ou longamente amadurecida, penetrava em nossos espíritos, ávidos daquela água da fonte que brotava da rocha inabalável da Fé mais autêntica. A santidade, como a cultura ou a própria técnica, se manifestam sobretudo nas coisas pequenas e aparentemente inúteis ou desdenháveis. Para elas três, nada é inútil ou desdenhável. E aquele nosso frágil galho de árvore, sensível à menor aragem psicológica, mas preso a um tronco espiritual inabalável, se manifestava sutilmente por essa íntima santidade, feita de doçura na fortaleza, de liberdade na segurança. As virtudes só se tornam espalhafatosas quando falta a verdadeira santidade. E Leonel Franca, tanto mais se apagava, quanto mais nos iluminava, pela sua compreensão dos outros, mesmo os mais contrários às suas próprias idéias, mas ainda pela sua argumentação lógica e sua cultura sedimentada, que era precisamente o que faltava à nossa geração, quase totalmente autodidata. Daí a sua influência considerável, sem qualquer exibição espalhafatosa. Tal e qual sua eloquência. Longe de ser um orador nato, parece até que decorava suas conferên-

cias e seus discursos. Mas tinha as palavras como que gravadas em seu espírito. E a extrema mansuetude do seu trato, de homem humaníssimo e supinamente bem educado, penetrava em nossas almas como chuva de verão em terra calcinada.

Ouvir missa rezada pelo Padre Franca era por si só uma lição de santidade. Era de ver o silêncio com que bebiam suas conferências, no salão do Santo Inácio, desde o presidente Epitácio Pessoa em pessoa, até os estudantes mais relapsos ou os poetas e pintores então ainda mais afastados da Fé, como Murilo Mendes e Ismael Nery, naquelas séries de que resultaria o volume de sua magistral "Psicologia de Fé". E de tantos outros livros, onde deixou, em páginas de uma cuidadosa redação rui-barboseana (Rui Barbosa foi o nosso único homem público que parecia fasciná-lo), uma lição perene de fé, ciência e sabedoria. Acima de tudo, dessa santidade secreta (porventura estimulada por essa insidiosa doença cardíaca) cujos frutos, os que o conheceram de perto, guardam para toda a vida, como uma fonte perene de certeza na liberdade. Pois muito mais do que um cérebro, foi um coração. E um diretor de almas. Bem mereceu ser a estrela inicial de uma revolução espiritual. Pois, como disse certa vez o cardeal Leme, em uma das reuniões preparatórias da futura Universidade Católica: "Precisamos de muita coisa: alunos, professores, sede própria, dinheiro, legalização, etc. Mas já temos o essencial, um Santo."

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico dos mais influentes de sua geração: foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.

